

I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

12 a 14 de setembro de 2017- Naviraí-MS



GESTÃO DO ESPAÇO EM CEMITÉRIOS: um estudo sobre o cemitério municipal de Maringá

Fábio da Silva Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Câmpus de Naviraí
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
fabiosrod@gmail.com

Rodolpho Martins Garcia
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Eixo Temático: Gestão de organizações públicas, privadas e do terceiro setor

RESUMO

O artigo tem como objetivo o estudo da utilização do espaço do cemitério municipal de Maringá pela ótica de diferentes agentes do cemitério. Aborda-se a falta de espaço para sepultamentos convencionais, a relação do cemitério com as leis ambientais e a discussão de quais alternativas podem ser adotadas para resolver o problema de escassez de espaço para sepultamentos. Quanto aos procedimentos metodológicos foi realizada uma pesquisa exploratória semiestruturada com aplicação de questionários com os visitantes e entrevistas com servidores. Um dos principais achados da pesquisa é a aceitação da população maringaense em mudar a forma de sepultamento no cemitério de Maringá para solucionar o problema da falta de espaço; houve uma concordância significativa pela verticalização do cemitério e também a criação de um crematório público. Ainda, os visitantes e também os servidores demonstraram interesse em implantar no cemitério uma academia da terceira idade (ATI) e também um espaço para alimentação, tornando o cemitério um lugar mais aconchegante e confortável para as pessoas que frequentam o local. Além disso, surge uma discussão de um tema polêmico que é a urgência da criação de um novo cemitério público na cidade de Maringá.

Palavras-chave: Espaço, cotidiano e cemitério.

1 INTRODUÇÃO

O espaço no Cemitério Municipal de Maringá tornou-se escasso com o passar dos anos. Fundado em 1946, sua localização foi definida pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (MARTIM, 2010), a época, situado na periferia do município. Com crescimento da cidade de Maringá, hoje o cemitério encontra-se na área próxima ao centro da cidade; outro fator, atualmente no interior do cemitério não há muitos espaços disponíveis para sepultamentos convencionais. O Cemitério de Maringá já teria sua capacidade máxima esgotada para sepultamentos desde 2012 (GAZETA DO POVO, 2012) e a necessidade desta pesquisa é crucial, já que a cidade necessita de um planejamento referente ao uso do espaço para que consiga atender as necessidades do município.

O problema de pesquisa é buscar compreender o uso espaço no cemitério, identificar quais as adequações que podem ser feitas para que ainda possam ter sepultamentos convencionais e quais discussões podem ser realizadas para que novos modelos de sepultamentos possam ser aplicados no cemitério de Maringá, com o objetivo de aumentar a vida útil do cemitério para atender a demanda da cidade e tornar o lugar mais satisfatório para os visitantes que passam pelo local.

Assim, o presente artigo tem como objetivo diagnosticar a utilização do espaço no cemitério municipal de Maringá e discutir melhorias no aproveitamento do espaço. Por sua vez, os objetivos específicos são: i) avaliar como os visitantes estão consumindo o espaço do cemitério no cotidiano e em datas especiais; ii) analisar o cotidiano e o uso do espaço do cemitério na ótica dos servidores do cemitério; e iii) refletir sobre novas possibilidades de uso do espaço do cemitério, pensando nas leis ambientais, na otimização para sepultamentos convencionais e novas formas de sepultamento.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ESPAÇO

Para Lefebvre (1976), o espaço se constitui numa dimensão que extrapola o sentido físico e geográfico da ocupação. Para o autor, o espaço apresenta multifaces, para além da dimensão da localização física, sendo também o lugar da ação e das possibilidades sociais de engajamento em tais ações. Em sua visão, o espaço não é um ponto de chegada, nem um ponto de partida, mais sim algo intermediário. Para Gottdiener (1997), o espaço apresenta diversas

propriedades num plano estrutural, já que é simultaneamente um meio de produção, como terra e parte das forças sociais de produção, como espaço. Enquanto propriedade, apresenta seu aspecto econômico. Por sua vez, o espaço é objeto de consumo, é instrumento político, é elemento na luta de classes.

Por sua vez, Corrêa (1982) clássica o espaço em três abordagens. A primeira é o espaço absoluto que é o espaço em si, em seguida o espaço relativo que seria a distância e por fim o espaço relacional, onde o objeto só existe em contato com outro. “O espaço é social e é inseparável do tempo e os atores principais seriam os proprietários do meio de produção e o estado que almejam a acumulação do capital e a reprodução da força de trabalho”.

Já na década de noventa, Soja (1993) tenta contribuir com o estudo do espaço formando um método que seja materialista histórico e geográfico ao mesmo tempo, pois espaço e tempo seriam inseparáveis. Na mesma década Certeau (1998) traça uma comparação entre lugar e espaço, para o autor lugar é a indicação de posição, ou seja, é algo imóvel, já o espaço é caracterizado quando há mobilidade “o espaço é o lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres”. Desta maneira o cemitério é um lugar que se transforma em espaço no cotidiano com a participação de empresas, funcionários, trabalhadores e visitantes que modificam o ambiente e o espaço do cemitério diariamente.

Já, tal qual Corrêa (1988 apud QUEIROZ e FILETTI, 2002, p. 73) “o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si”, esses conjuntos definem áreas da cidade, como áreas centrais, cemitérios, parques, áreas comerciais, ou seja, é o espaço urbano. E partindo desta definição podemos indagar que o espaço urbano se parece muito com o espaço do cemitério, onde de acordo com Foucault (1988 apud THOMPSON, 2015, p. 11) no final do século XIX já se pode observar a construção de ruas, quadras e lotes formados por túmulos. Ainda de acordo com Thompson, um problema existente hoje tanto nas cidades quanto nos cemitérios é a falta de espaço físico.

Conforme Corrêa (1999) o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado. O autor ainda aborda uma questão sobre quem constrói o espaço urbano, chegando à conclusão de que são vários responsáveis, como: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Como o tema do trabalho é o estudo da utilização do espaço em um cemitério municipal, foi dada ênfase no Estado como construtor do espaço. A ação do Estado sempre gera conflitos entre membros da sociedade e normalmente as classes dominantes da sociedade são favorecidas. De acordo com o autor, o Estado atua em três níveis político-administrativos e espaciais: federal, estadual e

municipal. Porém é no nível municipal que se evidencia os privilégios das classes dominantes e a legislação garante a municipalidade muitos poderes sobre o espaço urbano.

2.2 CEMITÉRIO

Conforme Ariés (1977, apud THOMPSON, 2015) com o passar do tempo o espaço destinado aos mortos sofre constante mudanças. Na Idade Média, os cemitérios ficavam próxima às igrejas, [...] já nos séculos XVIII e XIX os cemitérios passaram a ser construídos longe das cidades e das habitações humanas. A partir desse ponto instaura-se os cemitérios do tipo monumental (ARIÉS 1977). Na mesma linha de raciocínio, Costa (2003 apud SPRINGER, PÉREZ e JORGE, 2005), também afirma que a partir do século XVIII com “mudanças na organização do espaço urbano” fez com que construção dos cemitérios ficasse afastada das cidades.

Segundo resolução do CONAMA, “cemitério é a área destinada a sepultamentos” e existem dois tipos de cemitérios, os horizontais e verticais. Os cemitérios horizontais “são aqueles localizados em área descoberta compreendendo os tradicionais e o do tipo parque ou jardim” e os verticais “sendo um edifício de um ou mais pavimentos dotados de compartimentos destinados a sepultamentos”. Segundo estudo realizado por Springer, Pérez e Jorge (2005), uma pesquisa realizada em três cemitérios (tradicional, parque e vertical) percebeu-se que o cemitério tradicional possui muitos símbolos, como: flores, estátuas, cruzes, fotos, placas e homenagens; já no cemitério parque permite uma visão panorâmica e exhibe apenas “tampas”; E no cemitério vertical apenas flores artificiais.

Mas o conceito de cemitério e a visão das pessoas que frequentam o local vem mudando com o tempo, conforme matéria (Folha de São Paulo *apud* Las Casas Turismo, 2016) o cemitério *Congressional Cemetery* de Washington nos EUA, traz opções de lazer com ioga, degustação de vinho, cinema ao ar livre, caminhada com “guia turístico” e passeios noturnos. O cemitério oferece uma agenda diversificada, com programações específicas para cada dia e atrai cerca de 45 mil pessoas por ano.

Outra concepção é a de cemitério-museu, como o cemitério da Recoleta na Argentina, um cemitério fundado em 1822 que é considerado museu pelas obras de arte e pelas celebridades que lá foram sepultadas. No Brasil, os cemitérios também estão sendo visitados por turistas, como o cemitério de São João Batista no Rio de Janeiro; lá além de celebridades sepultadas (Santos Dumont, Carmem Miranda, Tom Jobim, Machado de Assis e outros) existem também vários tipos de obra de arte e são oferecidas viagens com guias todo mês para conhecer

o local (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

2.3 CEMITÉRIO MUNICIPAL DE MARINGÁ

Com base no estudo de Martim (2010) e de Springer, Pérez e Jorge (2005) sobre cemitérios, neste momento será abordado o cemitério de municipal de Maringá, que detém quase 100% dos seus sepultamentos do tipo horizontal com sepultamentos convencionais em carneiras duplas subterrâneas, o cemitério começou a trabalhar com sepultamento vertical a cerca de três anos atrás, mas ainda em pouca quantidade.

Existia especulação imobiliária nos terrenos dentro do cemitério; qualquer pessoa comprava uma sepultura e só usava quando quisesse e fazia a venda por altos preços, conforme matéria do jornal O Diário e reportagem da RPC (representante da rede globo no Paraná) os túmulos chegavam a custar R\$ 50.000,00. Era um comércio dentro do cemitério, e esta prática fazia com que a administração não tinha mais onde sepultar pessoas porque todas as covas já haviam sido vendidas, mas ainda tinha locais sem ninguém sepultado.

Atualmente com o fim desta especulação imobiliária, só consegue comprar uma sepultura quem tiver em mãos o atestado de óbito da pessoa que será sepultada no local e a sepultura fica no nome desta pessoa por tempo indeterminado e a revenda é proibida, esta prática de perpetuidade da sepultura conforme Rodrigues (1983 apud THOMPSON, 2015, p. 12) advêm desde os tempos da burguesia até a atualidade.

2.4 LEIS AMBIENTAIS

Conforme resolução do CONAMA N° 335/2003 os cemitérios horizontais devem apresentar vários documentos e estudos realizados para que sejam aprovadas as atividades. Deve-se fazer um estudo do nível máximo que o lençol freático pode atingir e o nível inferior das sepulturas deve estar a no mínimo um metro e meio da parte mais alta do lençol freático. Além disso, devem-se realizar estudos referentes à drenagem do solo das sepulturas, sendo que se esta drenagem for superior a 10^{-5} e 10^{-7} cm/s as sepulturas devem estar a uma distância de dez metros do lençol freático. O geólogo Marques (2010 apud THOMPSON, 2015) fez uma pesquisa em 600 cemitérios brasileiros e concluiu que 75% destes cemitérios contaminam o meio ambiente principalmente através do necrochorume (líquido originário da decomposição do corpo).

Os gerentes do cemitério passaram a informação de que estes estudos já foram realizados no cemitério e que foi concluído que o máximo de infiltração que a decomposição pode alcançar é de três metros de profundidade; desta forma, o lençol freático da cidade não será contaminado pelo necrochorume “o necrochorume é um líquido viscoso, de cor acinzentada e fétida” (SILVA 2000). Ainda seguindo a resolução, devem ser adotadas práticas que permitam as trocas gasosas para proporcionar a decomposição do corpo; no cemitério de Maringá às carneiras são revestidas de alvenaria e lacradas com tampas de concreto, porém o fundo das covas é coberto apenas por pedra, permitindo a troca gasosa que acelera a decomposição do corpo.

Outro ponto normativo do CONAMA é a exigência de que tenha um recuo de cinco metros entre o perímetro do cemitério e a área de sepultamento, ou seja, o cemitério de Maringá é todo cercado por muros e não pode construir nenhum tipo de sepultura encostada, apoiada ou próximo destes muros, tem que deixar ao menos cinco metros livre para aí sim utilizar a área para sepultamentos.

2.5 ALTERNATIVAS DE NOVOS SEPULTAMENTOS

Conforme estudo realizado por Paula e Sabbadini (S/D) no cemitério municipal de Resende, um cemitério horizontal e com sepultamentos convencionais, onde o maior o problema é a falta de espaço, após estudos e análises o autor propôs a ideia de realizar uma “construção tumular vertical” em uma área de 500 metros quadrados, onde atenderia a demanda por mais quatro anos, “sem se preocupar com o espaço”.

Thompson (2015) levou em consideração treze trabalhos envolvendo cemitérios horizontais, verticais e a cremação. Durante o estudo são levantados prós e contras de cada tipo de sepultamento que vão da utilização do espaço até o sepultamento “ecologicamente correto” sem contaminar o meio ambiente. O autor levanta questionamentos sobre os possíveis interesses por trás de construções de crematórios ou cemitérios verticais, talvez algumas empresas não estejam preocupadas em resolver o problema do sepultamento tradicional e sim em apresentar a necessidade de “construção de novos empreendimentos”.

Conforme o autor, os trabalhos analisados fazem sugestões de cemitério vertical ou crematório, mas poucos buscam solucionar o problema do sepultamento convencional, que também pode ser realizada sem contaminar o meio ambiente (PACHECO 1986, apud THOMPSON, 2015). E o problema do espaço pode ser solucionado com a implantação de “sepulturas rotativas”, “onde manteriam enterrados apenas os corpos em estágio de

decomposição. Após essa fase, os ossos seriam retirados e encaminhados aos ossuários (estrutura verticalizada que se encontra no interior do cemitério)”. THOMPSON (2015).

Para solucionar o problema da falta de espaço as prefeituras vão tentando adaptar o cemitério para solucionar este problema, nos cemitérios públicos de São Luís de acordo com a matéria do O Estado, com a dificuldade na expansão territorial a empresa que administra os cemitérios busca na reutilização de sepulturas abandonadas ou quando as pessoas deixam de pagar as taxas de manutenção, fazendo a exumação e transferindo a ossada para um ossuário e retomando a sepultura e assim liberando para conseguir fazer novos sepultamentos.

Já de acordo com o jornal O Popular, os cemitérios públicos de Goiânia passam por graves problemas de espaço, segundo a matéria metade da população estará proibida de morrer a partir de 2018, pois o cemitério não tem capacidade de atender a demanda. De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) a construção de um crematório é a única opção viável, “segundo o órgão, questões ambiental e econômica inviabilizam a construção de um novo cemitério”.

O problema da falta de espaço não atinge apenas o Brasil, na Grécia para amenizar o problema existe o “tumulo de aluguel” de acordo com a matéria (BBC News), os enterros estão sendo temporários, túmulos são alugados e os contratos duram em média três anos. “Quando o prazo se encerra, as famílias são chamadas para testemunhar a exumação dos restos mortais do falecido e buscar um novo destino para eles”, estes podem colocar os restos mortais do ente querido em um ossuário no próprio cemitério ou retirar e levar a outro local.

Pelo mundo existem outras soluções para o mesmo problema que é a falta de espaço, por exemplo no Japão, segundo matéria da BBC Brasil (2015), a solução foi criar um cemitério “high-tech” o edifício *Shinjuku Rurikoin Byakurengedo* é um ossuário com vários andares, utiliza-se cartões magnéticos para ter acesso aos ossuários, o cartão dá acesso a uma sala toda iluminada com diversas gavetas onde estão os restos mortais dos entes queridos.

3 METODOLOGIA

Para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo, onde segundo Severino (2010) é uma pesquisa realizada em seu meio ambiente próprio, a coleta dos dados ocorreu nas mesmas condições em que os fenômenos acontecem. A técnica de pesquisa escolhida para coletar os dados foi uma pesquisa observacional e também através de entrevistas e questionários. Foram entrevistadas 204 pessoas que visitavam o cemitério; os questionários foram aplicados no dia de finados, dia 02 de novembro de 2016 e as entrevistas foram realizadas

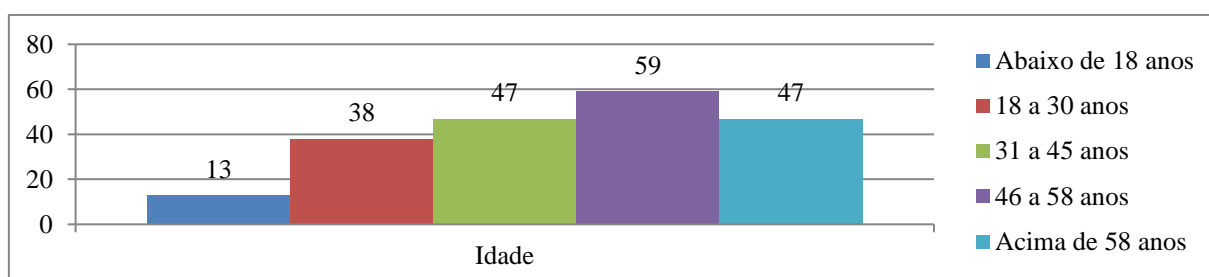
no mês Novembro de 2016. A ênfase da abordagem é qualitativa, com o foco na qualidade da pesquisa e de seus resultados.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 PRÁTICAS COTIDIANAS NO USO DO ESPAÇO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE MARINGÁ NA VISÃO DOS VISITANTES

Para identificar como os visitantes estão consumindo o espaço do cemitério foram aplicados questionários no Cemitério Municipal de Maringá durante o feriado de finados. Ao todo foram aplicados 204 questionários, onde foram abordadas questões para identificar o perfil, a satisfação e coletar opiniões de melhoria no espaço do cemitério. Iniciamos nossa análise de dados pela identificação do gênero dos visitantes, onde se pode perceber que 58% dos entrevistados são mulheres e 42% dos entrevistados são homens..

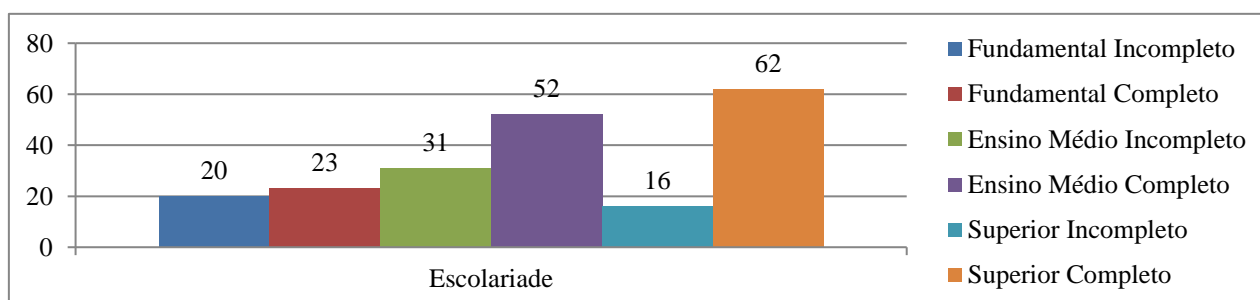
Figura 1 – Idade dos visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores

A maioria dos visitantes são maiores de 31 anos, chegando a um total de 153 pessoas e perfazendo uma grande maioria de 75% dos entrevistados, um ponto ainda mais relevante é que a maior parte desta população possui idade superior à 46 anos com incríveis 52% dos questionários aplicados.

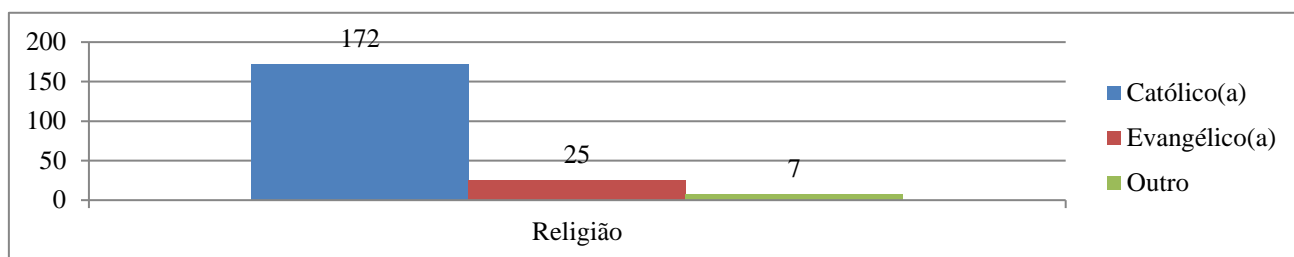
Figura 2 – Escolaridade dos visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos identificar um alto grau de instrução por parte dos entrevistados, onde 64% dos pesquisados tem pelo menos o ensino médio completo e 38% da amostra possui curso superior em andamento ou concluído. Fazendo a análise isoladamente a variável que mais foi respondida foi a de escolaridade com curso superior completo, com 62 respostas.

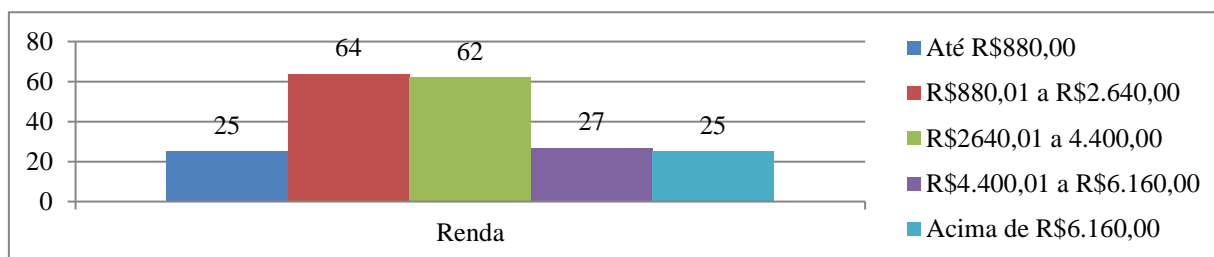
Figura 3 – Religião dos visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Neste momento abordamos um tema interessante para avaliar na ótica de cada indivíduo com pensamentos e ideologias diferentes, como essas pessoas se sentem em relação ao cemitério, dentre os entrevistados a grande maioria foi de católicos, com 84%, mas outras religiões foram citadas, como evangélicos, budistas e espíritas, que juntos chegam a 16%.

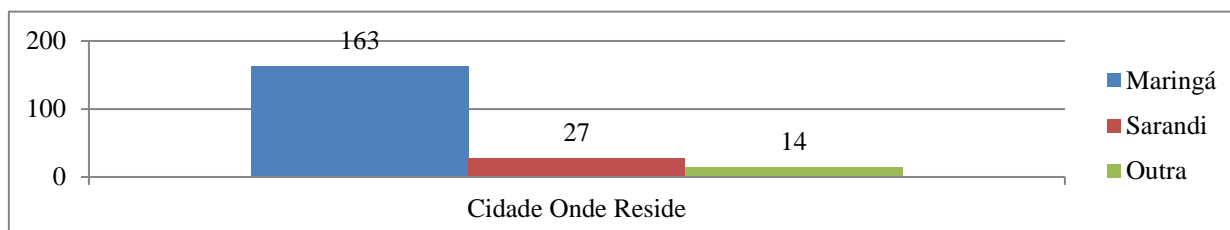
Figura 4 – Renda dos visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Nesta ocasião podemos identificar a renda dos entrevistados e posteriormente analisar o poder de compra e como se dá o processo de compra destas pessoas. Nota-se uma concentração de aproximadamente 62% de pessoas que ganham de R\$ 880,00 até R\$ 4.400,00.

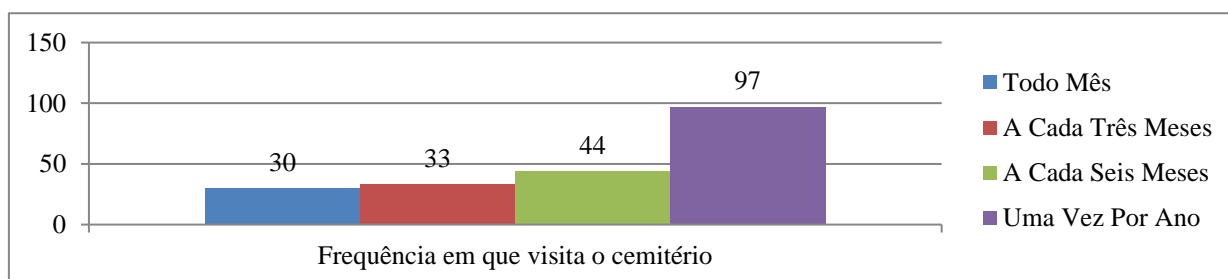
Figura 5 – Cidade onde residem os visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores

A localização do indivíduo, ou seja, onde ele reside é de suma importância para traçar as vontades e necessidades de um determinado público, desta maneira o foco é na cidade de Maringá e cerca de 80% dos entrevistados são de Maringá e 13% de Sarandi, uma cidade vizinha do município e 7% de outros municípios, como: Marialva, Paiçandu, Itambé, Colorado, Nova Esperança, Floresta, Campo Mourão e também Natal/RN, que juntas chegam a apenas 3%.

Figura 6 – Frequência com que visitam o cemitério



Fonte: Elaborado pelos autores

Contata-se que 48% dos entrevistados visitam o cemitério apenas uma vez por ano, mas 52% vão ao cemitério ao menos duas vezes por ano. Desta forma temos aí um empate técnico que será de grande relevância, pois praticamente metade dos entrevistados só vai ao cemitério nos finados e outra parte vai ao menos uma vez em outro dia, desta forma, vamos analisar a satisfação de quem só visita no dia em que tudo está organizado e de quem realmente vê o dia a dia do local.

Para medir a satisfação dos visitantes com o cemitério foram realizadas perguntas em variáveis específicas para identificar se estas pessoas estariam satisfeitas ou insatisfeitas com o cemitério. Em cada variável o visitante deu uma nota de 1 a 5, onde 1 seria totalmente insatisfeito e 5 para totalmente satisfeito, sendo calculado uma média entre as respostas dos 204 questionários aplicados, conforme tabela 1.

Tabela 1 – Frequência com que os visitantes frequentam o cemitério

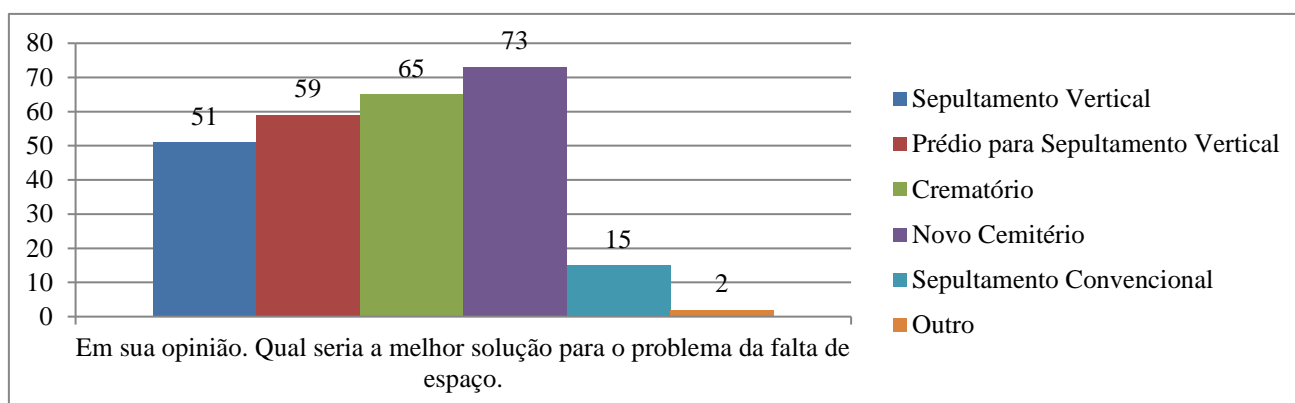
Estacionamento disponível;	2,52
Espaço para alimentação;	2,59
Estão sendo aproveitadas áreas como: corredores, ruas e espaços próximos de esquinas. Que nota você dá para este procedimento?	3,15
Condição e a quantidade de banheiros;	3,16
Placas de orientação ou pessoas para ajudar na localização;	3,26
Quantidade de entradas no cemitério;	3,55
Condições de acessibilidade para pessoas especiais;	3,64
Espaço destinado à oração;	3,79
Serviços prestados pelos funcionários do cemitério;	3,80
As condições de limpeza do cemitério;	3,83
A organização do cemitério;	3,86
Sobre o respeito com o meio ambiente e a sustentabilidade por parte do cemitério;	3,90
A locomoção entre os corredores das quadras;	3,94
A arborização do cemitério;	4,09

Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos perceber que a maior insatisfação está nas variáveis de espaço para alimentação, que atualmente não existe no cemitério e estacionamento disponível. Já avaliando a satisfação temos em destaque a arborização do cemitério, os espaços de locomoção entre os túmulos e os entrevistados estão satisfeitos com a sustentabilidade do cemitério, ou seja, acham que no local existe um respeito ao meio ambiente. Outro ponto relevante é a questão da falta de espaço, que foi abordada na última pergunta, quando foi indagada sobre a ação por parte dos gestores do cemitério de aproveitar ruas, corredores e esquinas para sepultamentos. Neste item temos a nota 3,15 que mostra que apesar de ser um ato para aumentar o número de sepultamentos acabou não agradando a todos.

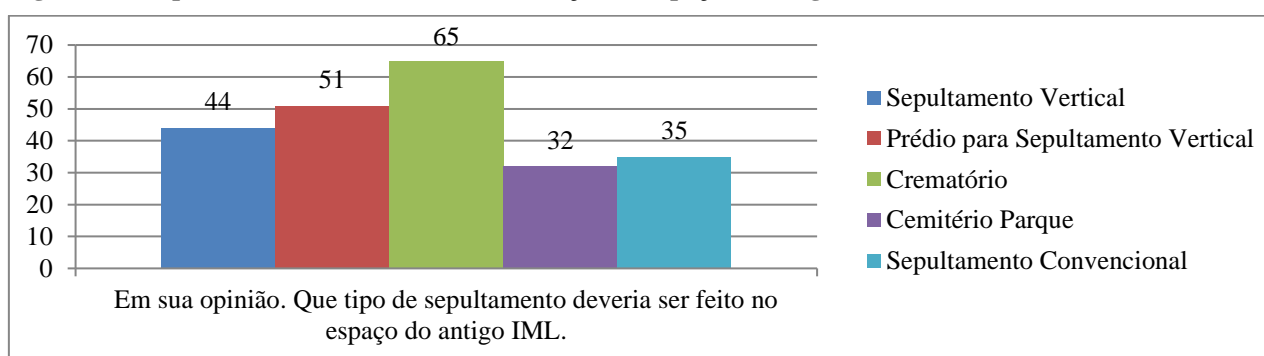
Outro ponto de relevância é a variável referente às placas de localização que teve a nota de 3,26, desta forma fica evidente que dentro do cemitério deve ter mais placas e mapas para os visitantes se localizarem e encontrar o túmulo que procuram. Além destes pontos podemos analisar de modo geral que apenas uma variável teve nota superior a quatro e que fazendo a média da média das respostas temos a nota 3,72 que é uma nota que expressa a satisfação dos visitantes, mas é um número que deve ser trabalhado para que se possa melhorar as notas de todas as variáveis para satisfazer as pessoas que visitam o local.

A partir deste momento foram realizadas abordagens para identificar a opinião dos visitantes de como solucionar os problemas do Cemitério Municipal de Maringá.

Figura 7 – A opinião dos visitantes para solucionar o problema da falta de espaço

Fonte: Elaborado pelos autores

Neste gráfico nota-se que a maioria dos visitantes acreditam que a melhor opção é a verticalização do cemitério, somando as opções do sepultamento vertical tradicional com a construção de um prédio com vários pavimentos, elevadores e destinado para sepultamentos verticais, com 42% das respostas, já outras pessoas acham que o melhor é criar um novo cemitério 28%, Porém, outro fator que surpreende é a aceitação com o crematório que chegou a 25% dos entrevistados e somente 6% pensa em permanecer com o sepultamento convencional e apenas 1% achou que seria outra opção, uma delas é “fazer mais urnas nos mesmos espaços dos sepultamos”. A conclusão é que 66% da amostra entende que se deve mudar a forma de sepultamentos no cemitério.

Figura 8 – A opinião dos visitantes sobre a utilização do espaço do antigo IML

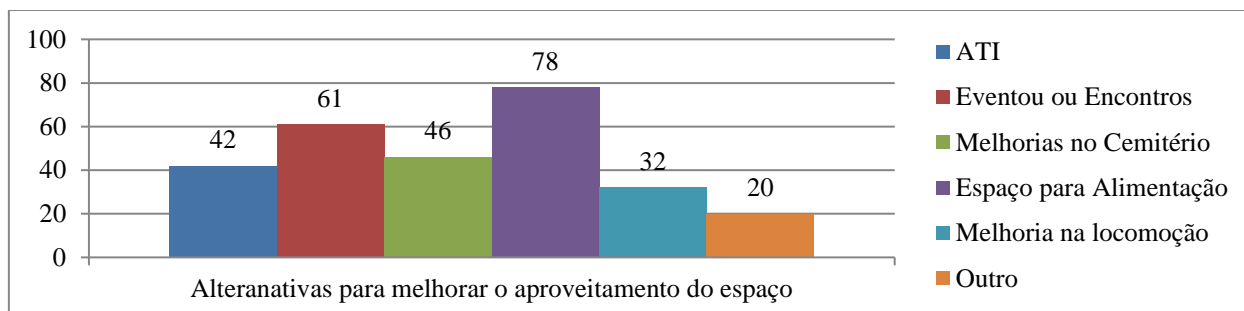
Fonte: Elaborado pelos autores

Nesta indagação buscou-se identificar o que os visitantes acham que deve ser feito especificamente no espaço do antigo IML, e identificamos que 42% creem na verticalização, 29% votaram no crematório, 14% em fazer estilo cemitério parque e 15% manteve o mesmo tipo de sepultamento. Podemos concluir que 85% dos pesquisados acreditam que deve mudar

o tipo de sepultamento, um destaque importante é aceitação da população tanto para a verticalização, quanto para a cremação.

Por fim, entramos na abordagem da utilização do espaço como um todo e indagamos os pesquisado sobre alternativas de como utilizar de maneiras diversificadas o espaço do cemitério de Maringá.

Figura 9 – A opinião dos visitantes sobre alternativas para aproveitar melhor o espaço



Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando o gráfico identificamos que 28% dos entrevistados anseiam por uma estrutura voltada para a alimentação, 22% acham o espaço adequado para realizar eventos ou encontros religiosos, 15% buscam por lazer com a criação de uma Academia da Terceira Idade (ATI) este item causou rejeição em algumas pessoas que disseram que “aqui não é lugar para isso” ou “o cemitério é lugar de tristeza e respeito”. Já 27% creem que melhorias devem ser feitas no cemitério em geral, dentre estas respostas surgiram algumas sugestões, como: melhoria nas calçadas entre os túmulos, mais rampas de acessibilidade, ter um local fechado para a realização da Santa Missa, mais lixeiras e bebedouros e mais carros para transporte.

Além dessas sugestões de melhorias surgiram algumas outras indicações, como: ter uma loja para “locação” de materiais de limpeza para manutenção dos túmulos, ter um espaço para aconselhamento para pessoas que perderam seus entes queridos, fazer a limpeza ao redor do cemitério e ter veículos elétricos gratuitos para o transporte de pessoas dentro do cemitério. Por fim, tiveram algumas críticas: cuidar do cemitério o ano todo e não só em datas especiais, ter mais áreas cobertas para abrigar do sol e da chuva e muitas pessoas estavam revoltadas com a retirada de vasos e veleiros sem aviso prévio “isso foi uma falta de respeito”.

4.1.2 Análise e comparações de resultados

4.1.2.1 Pessoas que moram em Maringá e frequentam o cemitério mais de uma vez no ano

Analisando as pessoas que moram em Maringá e que vieram no cemitério mais de uma vez ao ano temos 86 indivíduos, ou seja, vieram ao menos mais um dia além do dia de finados, percebeu-se que estas pessoas de maneira geral estão mais satisfeitas com o cemitério com uma média de satisfação de 3,59; analisando toda a amostra a satisfação das pessoas foi de 3,51. Esse público específico acha que a solução da falta de espaço é a criação de um novo cemitério municipal em Maringá com 34% e para o espaço do IML acreditam na verticalização, com 43% e 26% dos entrevistados gostariam da implantação de uma lanchonete no cemitério.

4.1.2.2 Pessoas que moram em Maringá e têm ensino superior completo ou incompleto

Temos um total 67 de pessoas e notamos uma diminuição da faixa etária, onde 64% tem idade entre 31 e 58 anos, um aumento na renda, onde 49% dos indivíduos tem renda familiar superior a R\$ 4.400,01, estas pessoas estão mais insatisfeitas com o cemitério, principalmente no espaço destinado a oração e condições dos banheiros, outra mudança é a preferência da criação de um crematório público no cemitério para solucionar a falta de espaço com 29% das respostas e esta população considera que no espaço do IML deve-se criar um crematório com 33% das respostas. Já sobre a utilização do espaço sobre a amostra percebeu-se que 26% das respostas acreditam que deveria ter eventos ou encontros religiosos. A opção pelo crematório pode estar relacionada com a experiência de vida para perceber que o projeto de um novo cemitério pode não se concretizar e o grau de instrução para e romper a cultura do sepultamento convencional e preferir a cremação como solução dos problemas.

4.1.2.3 Perfil do maringaense sobre a decisão de tipo de sepultamento

Analisando o perfil da amostra que acha que o crematório seria a melhor opção para a falta de espaço, temos uma predominância de homens com 53% das respostas, numa faixa etária acima de 46 anos com 60%, uma renda familiar com 57% entre R\$880,01 e R\$4.400,00 e uma grande insatisfação com as placas de orientação e querem aproveitar melhor o espaço do cemitério com construção de uma lanchonete. É uma amostra de pessoas mais novas e talvez com um pensamento de romper a cultura maringaense e aceitam no crematório como solução do problema.

Já para o novo cemitério destaca-se a renda familiar que se concentra na faixa de R\$2.640,01 a R\$4.400,00 com 38%, estas pessoas tendem a visitar mais vezes o cemitério durante o ano e destaca-se o interesse em manter o sepultamento convencional no espaço do

antigo IML com 32% dos votos e também querem uma lanchonete no cemitério. Talvez esse público busque como solução a criação do cemitério por não aceitarem a verticalização ou cremação e não conseguem ver uma solução diferente da criação de um novo cemitério e por visitar mais vezes o cemitério sabem que algo deve ser feito.

Por fim, os entrevistados que acreditam na verticalização do cemitério, são na maioria mulheres com 56%, com predominância de uma faixa etária entre 46 e 58 anos, possui uma renda familiar menor e anseiam por uma lanchonete e a criação de eventos ou encontros religiosos. A opção pela verticalização pode ser explicada pela descrença na criação de um novo cemitério, pois são pessoas experientes e também como solução a verticalização pela otimização do espaço e também pelo custo que é menor do que o sepultamento convencional, pelo público ter uma renda familiar inferior à amostra geral.

4.1.2.4 A diferença de opinião de homens e mulheres que residem em Maringá

Analisando os moradores de Maringá temos um total de 162 pessoas, deste montante são 94 mulheres e 68 homens, desta forma as mulheres representam 58% da amostra. Os homens da amostra são mais velhos que as mulheres com 82% sendo maior que 31 anos e concentrando maior número de pessoas com idade de 46 a 58 anos, as mulheres apresentam um maior grau de instrução com 39% delas com ensino superior completo contra 26% dos homens.

A renda familiar da mulher é maior que a dos homens com 64% delas com renda superior a 2.610,01 por mês contra 54% dos homens. Normalmente as mulheres visitam mais o cemitério e estão mais insatisfeitas que os homens, principalmente na condição e quantidade dos banheiros. Outro ponto relevante é que os homens tendem a aceitar mais o crematório público do que as mulheres que possuem opiniões divididas entre a cremação e a verticalização do cemitério. Já, sobre a utilização do espaço ambos os gêneros gostariam da implantação de uma lanchonete dentro do cemitério.

4.1.2.5 A influência da idade sobre a opinião das pessoas

As pessoas entrevistadas com mais de 46 anos, totalizam 91 indivíduos, e apresentam um maior grau de instrução, uma maior renda familiar, são mais propícios a visitar o cemitério e acham que a melhor solução para o problema do espaço é a verticalização e a construção de um crematório no espaço do instituto médico legal (IML). Já as pessoas com idade até 46 anos acham que a melhor solução é a criação de um novo cemitério. O que pode explicar essas

opiniões é que as pessoas com mais experiência sabem da dificuldade de implantar um novo cemitério e acreditam que a solução é aproveitar o espaço do cemitério público atual de Maringá.

4.2 REFLEXÃO SOBRE AS NOVAS POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO DO CEMITÉRIO

4.2.1 A utilização do espaço no cotidiano

Deixando um pouco de lado a análise do espaço para sepultamentos, tem-se que avaliar as condições e como as pessoas utilizam o espaço do cemitério no cotidiano. Segundo Certeau (1998) o espaço é o lugar praticado, ou seja, o local do cemitério de Maringá se transforma em espaço com a integração das pessoas que frequentam o local transformando o ambiente do cemitério. Atualmente, dentro do local tem cerca de 3 mil metro lineares de pista de caminhada e foi constatado que algumas pessoas vão ao cemitério para fazer caminhada. Além disso foi sugerido pelos servidores a implantação de uma academia da terceira idade (ATI) dentro do cemitério para incentivar a prática de exercício físico.

Segundo o Entrevistado X, “começa a quebrar esses paradigmas de que o cemitério traz a tristeza e muita gente vem aqui com alegria”. Como o que acontece no cemitério *Congressional Cemetery* em Washington EUA, as pessoas vão lá visitar o cemitério em busca de lazer, diversão e prática de atividade física, como uma corrida de 5km que acontece todo ano, chamada de *Dead Man's Run* onde as pessoas atravessam o cemitério com fantasias e ouvindo músicas

Além da utilização do espaço para a prática de exercício físico o entrevistado sugeriu a implantação de um museu, “temos sugestões para implantar um museu aqui dentro, porque tem muitas histórias para contar”. Desta maneira, as pessoas poderiam visitar o cemitério para conhecer o museu e a história por trás das sepulturas do lugar, isso já ocorre em outros cemitérios como o de São João Batista no Rio de Janeiro e o famoso cemitério de Recoleta na Argentina, que organizam visitas com guias para contar as histórias e curiosidades do local e para mostrar as obras de arte. Outras opções que os visitantes acharam interessantes é aproveitar o espaço para a criação de uma lanchonete e também de grupos religiosos de apoio a pessoas que perderam seu ente querido e estão com dificuldade em assimilar essa perda.

4.2.2 Leis ambientais

O cemitério foi instituído em 1946 em uma época que as leis para sepultamento eram bem diferentes das leis atuais. Hoje, o cemitério toma algumas providências para minimizar o impacto ambiental “nós estamos junto com o ministério público para estudar as águas ao redor do cemitério e também um estudo para a redução dos resíduos”. Ainda segundo informações dos servidores o cemitério hoje não atende as leis ambientais e é impossível adequar o cemitério para atender estas leis porque hoje tem cerca de 70 mil pessoas sepultadas em 40 mil sepulturas “devemos fazer adaptações para trabalhar dentro da parte ambiental respeitando a época que foi construído”. Fazer estas adaptações dentro da realidade segundo entrevista, “[...]temos convicções que não está agredindo o meio ambiente, não tem sepultamentos em terra e sim em carneiras e temos convicção que ele não agride o meio ambiente e não está desrespeitando também.”

O que pode ser feito agora é um acompanhamento para que os novos sepultamentos sejam feitos da melhor maneira possível, para que seja minimizado a chance de impactar o meio ambiente, por exemplo com maior investimento em alternativas como a cremação e o gavetário vertical.

4.2.3 A otimização do espaço para sepultamentos

Para a otimização dos espaços para sepultamento convencional deve-se intensificar os trabalhos para aproveitar ainda mais os espaços em ruas e corredores, iniciar imediatamente a execução de sepultamentos no IML e também providenciar a retirada do ossuário para ali instalar mais carneiras duplas. Além disso pode-se trabalhar com a rotatividade de sepulturas, conforme estudo apresentado por Thompson (2015), onde a venda da carneira dupla seria por um período de 3 a 5 anos (tempo suficiente para a decomposição do corpo) e quando passar esse período seria realizado a exumação e armazenamento da ossada em um ossuário perpétuo.

Já para novos tipos de sepultamento as melhores alternativas são a verticalização e a instalação de um crematório público, que seria o primeiro público da região. Pensando em verticalização pode-se trabalhar com as gavetas verticais (modelo que já trabalha atualmente), porém em pré-moldado, onde é mais garantido a perfeita execução do serviço e eficácia na retenção de gases e líquidos oriundos da decomposição do corpo. Também é viável a instalação de ossuários pré-moldados, onde vai ocupar menos espaços para armazenar as ossadas retiradas dos túmulos. Porém analisando a entrevista com os servidores e também a realidade do local a

maior prioridade hoje é dar início a um projeto para a construção de um novo cemitério em Maringá, para garantir que não seja criado um caos no município, onde as pessoas só terão a opção de ir para um cemitério particular, onde tudo é muito mais caro.

5 CONCLUSÕES

Na ótica dos visitantes, a maioria está satisfeita com o cemitério, principalmente com a arborização, espaço para locomoção e a sustentabilidade. Porém estão insatisfeitos com a falta de um espaço para alimentação e também com a falta de espaço para estacionamento. Analisando o espaço para sepultamento, 66% dos entrevistados acreditam na mudança da forma de sepultamento, com a maioria acreditando na verticalização e também no crematório como alternativas para solucionar o problema da falta de espaço. Já sobre o espaço em geral, os visitantes querem a implantação de um espaço para alimentação e uma ATI (academia da terceira idade) para a prática de exercícios.

Sobre o espaço do cemitério, os servidores demonstraram interesse na implantação de uma ATI e também a construção de um museu dentro do cemitério. Já sobre a falta de espaço para sepulturas, o que deve ser feito é a continuidade do aproveitamento de espaços, como: ruas, corredores, fazer sepulturas no espaço do antigo IML, a implantação de mais gavetas verticais e a construção de um crematório público. Além disso, foi constatada a necessidade de construção de um novo cemitério, um projeto que já deveria estar em andamento e ainda não existe, hoje o cemitério tem capacidade para mais cinco anos e segundo os servidores é aproximadamente o tempo que demora para deixar tudo pronto para construir um novo cemitério municipal.

Sobre a utilização do espaço do cemitério, observando a opinião dos visitantes e dos servidores identificou-se a necessidade de implantar uma ATI e uma lanchonete dentro do cemitério para tornar o local mais agradável. Já para tentar solucionar o problema de espaço para sepultamento é preciso aproveitar mais os espaços, por exemplo: demolir o velho ossuário e fazer ali sepulturas e também investir em obras que ocupem menos espaços, como a substituição de obras em alvenaria para construções em concreto pré-moldado. Acreditamos que aproveitando estes espaços e investindo na verticalização do cemitério, com gavetários em concreto pré-moldado e a construção de um crematório pode-se aumentar a longevidade do cemitério de Maringá. Além disso, são formas de sepultamentos que causam um menor impacto ambiental do que o sistema convencional que é atualmente utilizado. Já uma outra alternativa seria acabar com a perpetuidade das sepulturas, fazer a rotatividade, onde cada pessoa ficaria

numa sepultura de três a cinco anos e após este período fosse feita uma exumação e os restos mortais fossem transferidos para ossuários dentro do próprio cemitério.

Mas a maior preocupação é pela urgência de ter um projeto de construir um novo cemitério, até hoje nunca foi prioridade, talvez por pressões políticas e também por empresas que não querem um novo cemitério público e querem sim explorar este mercado. Então as obras no cemitério não podem parar, para aumentar a capacidade do cemitério em atender a demanda por aproximadamente cinco ou seis anos e paralelo a isso tem-se que iniciar um projeto urgente para a criação de um novo cemitério público em Maringá.

Este trabalho tem implicações para as empresas que trabalham no setor para identificar as oportunidades de negócios. Além disso surge a oportunidade de aproveitar um mercado que ainda é pouco explorado, onde muitas empresas ganham dinheiro trabalhando com a morte, por exemplo: a administração de cemitérios, empresas para construção de pistas de caminhada, ATI e lanchonete, organização para promover o cemitério de Maringá para atrair mais visitantes e também uma empresa para administrar o museu do cemitério.

Para a ótica acadêmica, este artigo serve como embasamento para o conhecimento da realidade dos cemitérios enquanto organização e dos negócios da morte como possibilidades de pesquisa nos estudos organizacionais. Já as limitações encontradas estão relacionadas a dificuldade de encontrar artigos escritos que envolvem a opinião dos visitantes do cemitério sobre o problema da falta de espaço.

Já como políticas públicas, tem que dar muita atenção principalmente para a criação de um novo cemitério público na cidade de Maringá, pois, “todas as pessoas morrem: o rico, o pobre e o miserável” (ENTREVISTADO X). E a prefeitura é obrigada por lei a ter locais para sepultamento para pessoas que não tem condições de pagar, ou seja, caso não seja criado um novo cemitério com urgência, vai chegar o dia em que só vai ter espaço para sepultamento em cemitérios privados, desta maneira, fica a principal implicação deste trabalho, que é a constatação da necessidade da criação de um novo cemitério público para evitar uma calamidade pública na cidade de Maringá.

REFERÊNCIAS

BRASIL, BBC. **Contra falta de espaço, Japão aposta em cemitérios high-tech**. Disponível em:<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150422_galeria_gch_cemiterios_japao_fn>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

CARVALHO, Vinicius. Lote no cemitério municipal chega a R\$ 50 mil. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 29 fev. 2012.

CASAS, Las. **Cemitérios nos EUA viram opções de lazer com ioga e degustação de vinhos**. Disponível em: <<http://www.lascasastur.com.br/Noticias/Detalhes/cemiterios-nos-eua-viram-opcoes-de-lazer-com-ioga-e-degustacao-de-vinhos>>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONAMA. **Resolução CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>>. Acesso em: 19 de Julho de 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

ESTADO, O. **Reutilização de espaço é a solução para a falta de vagas em cemitério**. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2015/10/29/reutilizacao-de-espacos-e-solucao-para-a-falta-de-vagas-em-cemiterios.shtml>>. Acesso 11 de Dezembro de 2016.

FECOMÉRCIO. **Sofisticação do mercado funerário**. Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/upload/_v1/2015-11-12/14042.pdf>. Acesso em: 19 de Julho de 2016.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1997, p. 115-194 (Capítulos 4 e 5).

LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976.

MARTIM, Aline Giseli. **Análise do levantamento geossistêmico do cemitério público horizontal urbano do município de Maringá, Estado do Paraná**. 2010. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Engenharia Urbana)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

ÓRGÃO oficial do município. N°1932, 2009 p. 36. <Disponível em: <http://venus.maringa.pr.gov.br/arquivos/orgao_oficial/arquivos/oom%201932.pdf>. Acesso em: 19 de Julho de 2016.

PAULA, Luciano Sacramento de; SABBADINI, Francisco Santos. **Gestão do planejamento da capacidade em cemitérios municipais**. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos05/332_Planecapacidade.pdf>. Acesso em: 24 de Julho de 2016.

RPC. **Túmulos do cemitério municipal de Maringá vão ser recadastrados**. Disponível em:<<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/tumulos-do-cemiterio-municipal-de-maringa-vao-ser-recadastrados/2561354/>>. Acesso em: 19 de Julho de 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ªed. 5ª Reimpressão. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Leziro Marques. **Cemitérios:** fonte potencial de contaminação do lençol freático. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu/Faculdade de Tecnologia e Ciências Exatas, 2000.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPRINGER, Kalina Salaib; PÉREZ, Mercedes Solá; JORGE, Camila. **Cemitérios:** Desvendando os espaços da morte e seus signos. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/kalina-mercedes.pdf>>. Acesso em 24 de Julho de 2016.

THOMPSON, Barbara. **Cemitérios verticais, espaço urbano e meio ambiente:** O novo discurso científico universitário de incentivo à verticalização e à cremação. Primeiros Estudos, São Paulo, n. 7. p. 7-27. 2015.

TURISMO, Buenos Aires. **Cemitério da Recoleta.** Disponível em: <<http://www.buenosairesturismo.com.br/passeios/cemiterio-da-recoleta.php>>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

TURISMO, Ministério do. **Cemitérios e túmulos históricos atraem turistas no Brasil.** <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5881-cemit%C3%A9rios-e-t%C3%BAmulos-hist%C3%B3ricos-atraem-turistas-no-brasil.html>>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.